

**O melhor poeta
da minha rua**

PARA GOSTAR DE LER 43

O melhor poeta da minha rua

JOSÉ PAULO PAES

Seleção e organização
Fernando Paixão

Ilustrações
Visca


editora ática

A Editora Ática agradece à Companhia das Letras pela cessão dos poemas para publicação nesta antologia.

O melhor poeta da minha rua

© Dora Paes / Companhia das Letras, 2008

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabricio Waltrick
Editor assistente	Emílio Satoshi Hamaya
Redação	Ricardo Lísias
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Luciene Lima

ARTE

Diagramadora	Thatiana Kalaes
Editoração eletrônica	Studio 3

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P143m

Paes, José Paulo, 1926-1998

O melhor poeta da minha rua / José Paulo Paes ; seleção e organização Fernando Paixão ; [ilustrações, Visca]. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2008.

112p. : il. - (Para Gostar de Ler ; 43)

Inclui bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-12043-7

1. Poesia brasileira. I. Paixão, Fernando, 1955-. II. Título. III. Série.

08-3439.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

ISBN 978 85 08 12043-7 (aluno)

ISBN 978 85 08 12044-4 (professor)

CAE: 241721 - AL

2014

1ª edição,

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2008

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário



Um poeta de muitas faces.....	7
-------------------------------	---

Palavras em jogo

Desencontros	13
Declaração de bens.....	14
Lar.....	15
Descartes e o computador	16
Elegia holandesa.....	17
Lisboa: aventuras.....	18
Brinde.....	19
Monólogo do porta-voz	20
Epitáfio.....	21
Cartilha	22
Momento.....	23
À garrafa	24
Ode	25

Onde está a liberdade?

[Liberdade interdita]	29
Cena legislativa	30
Etimologia	31
Time is money	32
Volta à legalidade	33
Do Novíssimo Testamento	34
Borboleta	35
Teologia	36
Matinata	37
Do mecenato	38
Baladilha.....	40
Outro retrato	42
Como armar um presépio	44
Hino ao sono	46
Ressalva.....	47
História antiga	48

O poeta e os outros

Metamorfoses	51
--------------------	----

O aluno	52
Madrigal	53
Um retrato	54
Loucos	56
A pequena revolução de Jacques Prévert	58
Poética	61
Centaura	62
O poeta e seu mestre	63
À minha perna esquerda.....	64
Humano, sempre humano	
Fenomenologia da humildade	71
Canção de exílio.....	72
Noturno.....	73
Il Poverello.....	74
Saldo.....	75
Ao shopping center	76
À televisão.....	77
Poema circense.....	78
A um recém-nascido	79
A Edgar Allan Poe.....	81
Soneto quixotesco	82
Altos e baixos	83
Ode pacífica.....	84
O homem no quarto.....	85
Momentos do Brasil	
Dia do Índio	89
O grito.....	90
Cem anos depois.....	91
A cristandade	92
Palmares.....	93
Os Inconfidentes.....	97
Conhecendo o autor	
Um poeta que conhecia a química das palavras	107
Obras do autor	110
Referências bibliográficas	111

Um poeta de muitas faces

Os poemas que você vai ler neste livro foram escritos por um homem que era divertido e sério ao mesmo tempo. Um poeta que gostava de ler e de traduzir livros difíceis, de outras línguas – mas que também adorava uma boa conversa com inesquecíveis sacadas de bom humor. De vez em quando, parava a rotina de escrever para tocar um pouco de violão ou conversar com as tartarugas no jardim de sua casa. De repente lhe surgia a ideia de um poema sobre esses animais tão lentos... e logo voltava para anotá-lo.

José Paulo Paes era mesmo um ser especial. Considerado um dos mais importantes escritores do seu tempo, costumava dizer: “sou o melhor poeta da minha rua”. Falava isso em tom de brincadeira, mas também para sugerir um sentido mais fundo: ele escrevia por vontade íntima de se expressar e não para ficar famoso ou coisa assim. Tendo descoberto a poesia na juventude, durante a vida inteira cultivou essa arte de dizer muito com poucas palavras.

Nasceu no interior de São Paulo, em 1926, e ainda jovem mudou-se para Curitiba, cidade em que se formou como químico industrial. Voltou em seguida para a capital paulista, onde exerceu a atividade por alguns anos. Mas logo depois passou a

trabalhar numa editora, para ficar mais perto dos livros – sua paixão predileta (além da esposa Dora, com quem viveu por 46 anos).

Seu primeiro livro foi publicado em 1947 e se chamava *O aluno*, pois naquela época ele se considerava um aprendiz de versos, tal era a admiração que tinha por figuras como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros escritores do chamado grupo modernista. Com o tempo, novas obras se seguiram, uma diferente da outra, mostrando que o poeta não precisa criar sempre da mesma maneira. Inspirado em temas da história do Brasil, da política, do humor ou dos sentimentos amorosos, ele evita cair na repetição e quer surpreender o leitor a cada página.

Curto, direto e cheio de graça – assim pode ser definido o seu jeito de escrever. Exemplo disso está no título de um de seus livros, que ele teve a coragem de chamar *A poesia está morta mas juro que não fui eu*. Com essa estranha expressão, queria insinuar que a vida moderna já não permite mais a tranquilidade de se ler um bom poema apenas pelo prazer de ler, sem outra razão.

Boa poesia é justamente o que você vai encontrar neste livro. Mas é bom avisar, antes da leitura, que estes versos não são daqueles que falam de amor e flor de uma maneira derramada. Não. Trata-se de uma poesia diferente. Em vez de buscar apenas a emoção, José Paulo Paes quer principalmente estimular a inteligência do leitor.

Como? Levando-o a perceber o jogo delicado que existe em cada frase, e com isso descobrir significados novos para as palavras conhecidas.

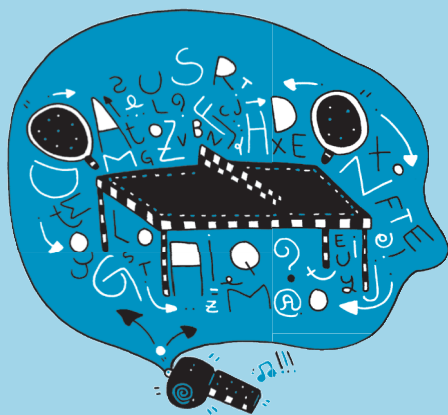
Com rima ou sem rima, longo ou curtíssimo, engraçado ou não, qualquer tipo de poesia vale a pena, desde que bem-feita. José Paulo Paes acreditava nisso, tanto que certa vez fotografou uma placa de trânsito (veja na página 29) e considerou-a uma descoberta poética. “Por que não?”, comentou ele. “Aquela mensagem dizia que a liberdade estava proibida no paraíso. Como pode? Fotografei aquilo e considereirei como se fosse um poema, ora bolas!” Isso mostra bem como o nosso poeta era um homem dotado de imaginação livre e não queria se prender a uma forma única de expressão.

Capaz de misturar coisas simples com outras estranhas e complexas, ele revela muitas faces ao longo de sua trajetória. Bom para nós, os leitores, que dessa maneira podemos conhecer um escritor criativo e atual. Depois da leitura, é comum ficar em nossa memória a lembrança de alguns dos poemas, sem a gente nem entender por quê. Sinal de que a boa poesia vale a pena.

*Fernando Paixão**

* Poeta e ensaísta, Fernando Paixão foi muito amigo de José Paulo Paes. Trabalhou por mais de trinta anos na Editora Ática, onde ocupou o cargo de Diretor Editorial.

Palavras em jogo



Para o poeta, as palavras são a matéria-prima e, ao mesmo tempo, a fonte de inspiração. Ele procura entendê-las, descobrir se elas podem se expressar de várias maneiras diferentes, e ainda inventa novas maneiras de tratá-las. Fazendo isso, o poeta enriquece a língua, além de conseguir resultados divertidos, surpreendentes. É como se ele fosse um pedreiro que, utilizando o cimento e os tijolos, tentasse criar novas possibilidades para eles, sempre conseguindo alguma coisa diferente para a sua construção.